

## **MULHER NEGRA E MÍDIAS SOCIAIS: construção identitária de jovens negras no Colégio Estadual Bráulio Xavier de Arataca – BA**

**BLACK WOMAN AND SOCIAL MEDIA: identity construction of young black women at Colégio Estadual Bráulio Xavier de Arataca - BA**

**MUJER NEGRA Y MEDIOS SOCIALES: construcción de identidad de mujeres jóvenes negras en la Escuela Estatal Bráulio Xavier de Arataca - BA**

**Joane Nery de Jesus  
Carlos Alberto Machado Noronha**

**Resumo:** O presente trabalho tem por tema a mulher negra nas mídias sociais, buscando analisar da influência das mídias sociais feministas negras dentro do espaço escolar do Colégio Estadual Bráulio Xavier de Arataca-BA. A problemática perpassa a percepção que as jovens negras têm de si enquanto mulheres e enquanto negras, analisando assim também o próprio conceito de identidade, de feminismo, de classe e raça que naquele microcosmo existe. A pesquisa conta com análise bibliográfica, levantamento de dados e elaboração de um trabalho final em que são analisados os dados coletados. Espera-se que com essa pesquisa, possamos entender o perfil que a mulher negra tem, dentro do feminismo negro, e a forma como ela atua nas mídias sociais, identificando assim qual enfim, é o lugar de fala que essas jovens negras possuem na sociedade.

**Abstract:** The present work has as its theme black women in social media, seeking to analyze the influence of black feminist social media within the school space of the Bráulio Xavier de Arataca State College-BA. The problem permeates the perception that young black women have of themselves as women and as black women, thus also analyzing the very concept of identity, feminism, class and race that exists in that microcosm. The research includes bibliographic analysis, data collection and elaboration of a final work in which the collected data are analyzed. It is hoped that with this research, we will be able to understand the profile that black women have, within black feminism, and the way she acts in social media, thus identifying which, finally, is the place of speech that these young black women have in society.

**Resumen:** El presente trabajo tiene como tema a las mujeres negras en las redes sociales, buscando analizar la influencia de las redes sociales feministas negras dentro del espacio escolar del Bráulio Xavier de Arataca State College-BA. El problema impregna la percepción que las mujeres negras jóvenes tienen de sí mismas como mujeres y como negros, analizando así también el propio concepto de identidad, de feminismo, de clase y raza que en aquel microcosmo existe. La investigación cuenta con análisis bibliográfico, levantamiento de datos y elaboración de un trabajo final en que son analizados los datos colectados. La investigación cuenta con análisis bibliográfico, levantamiento de datos y elaboración de un trabajo final en que son analizados los datos colectados.

**Palavras chave:** Identidade; Feminismo negro; Lugar de fala.

**Key words:** Identity; Black feminism; Place of speech.

**Palabras clave:** Identidad; Feminismo negro; "Lugar de habla".

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar os discursos sob a perspectiva do feminismo negro, o espaço que esses discursos ocupam nas mídias sociais, que ganham destaque nos últimos anos, aliando a isso a compreensão da forma que esses novos discursos que envolvem gênero, classe e raça influenciam na formação da identidade negra das adolescentes que estudam no Colégio Estadual Bráulio Xavier - Arataca-Bahia. Estes discursos que propõem um lugar de fala para as excluídas da História, perpassa pela identificação e fortalecimento da identidade. Ele conta com uma análise da influência das mídias sociais na militância da mulher negra. A problemática passa por identificar dentro do espaço escolar do Colégio Estadual Bráulio Xavier, a percepção que as jovens negras têm de si enquanto mulheres e enquanto negras, analisando assim também o próprio conceito de identidade, de feminismo, de classe e raça que naquele microcosmo existe.

O Colégio Estadual Bráulio Xavier fica localizado no sul da Bahia, região cacauceira. A cidade conta com 6 assentamentos, no qual o de maior destaque é o Assentamento Terra Vista. A cidade tem aproximadamente 10 mil habitantes, majoritariamente morando em Zona Rural, Distritos e locais de difícil acesso.

Ao todo são dois colégios estaduais. Um fica localizado no assentamento Terra Vista e outro dentro da Zona Urbana da cidade. O colégio Estadual Bráulio Xavier (CEBX) fica localizado na Zona urbana da cidade, seus alunos são oriundos da Zona Rural e de alguns distritos, sendo muitos também trabalhadores rurais. Devido à queda da produção cacauceira, alguns migram para o extremo sul do Estado e para Estados vizinhos - Espírito Santo e Minas Gerais - para trabalharem nas áreas de café nos meses entre maio e agosto. Nesse período é comum a evasão escolar.

Levando isso em conta, as alunas dessa escola, experienciavam diversas dificuldades até chegar à escola. A escola e seus professores acabam por se tornar o “porto seguro” em algumas questões. Em rodas de conversa informal, aulas e oficinas, ficou clara a necessidade de falar de gênero e raça dentro daquele espaço. Algumas meninas lidam com as violências de gênero (há relatos de violência sexual), racismo e questões relacionadas à própria desigualdade social, que precisam ser elucidadas.

O CEBX, mesmo sendo de pequeno porte, conta com 316 alunos, divididos em três turnos, sendo cinco turmas em cada turno. As alunas de forma voluntária se inscreveram para participar do projeto. Sendo explicado às turmas e 1º e 2º ano do Ensino Médio o sentido do trabalho, foi exposto também o que trataríamos, em rodas de conversa só com meninas da escola. Algumas se interessaram. Fizemos algumas reuniões, para saber o que

elas entendiam sobre a temática. Foi evidenciado assim, que algumas seguem Youtubers e Instagrammers que tratam de cuidados com cabelos e pele negra. No entanto, no tocante a construção da identidade negra, sua influência ainda é pouca.

Para promover a discussão sobre identidade, foi realizada uma mostra fotográfica, em que foto das meninas participantes da pesquisa foram expostas numa galeria da escola, na ocasião da feira de ciências do ano de 2019, com o objetivo de evidenciar os diversos tipos de beleza, e fortalecer a construção da identidade.

Na ocasião da semana da consciência negra, foi realizada uma palestra sobre o feminismo negro, tratando-o de forma ampla e em debate com toda escola questões como “que era ser negro?”, “o que é o feminismo negro?” e “quais lutas e dores das mulheres, tanto na escola, quanto fora dela?”.

Há um caminho ainda a ser percorrido no que se refere a essa pesquisa. Sendo preciso entrevista com as garotas sobre o projeto, discussão conceitual sobre o tema para a partir daí perceber a forma em que são alcançadas pela raça, classe e gênero. É preciso muitas discussões para que se construa uma percepção clara sobre a temática interseccional.

A vontade de pesquisar nasce da observação das meninas do Colégio Estadual Bráulio Xavier, em relação a seus cuidados pessoais. Observando também como questões relacionadas ao empoderamento feminino, identidade e raça atingem as mídias sociais, e a mudança de comportamento, bem como ato de assumir o cabelo afro, torna-se notório dentro desse espaço. Discutir o lugar de fala da mulher negra nas mídias sociais e a forma que a História carrega em si diversos silêncios sofridos pelas minorias sendo que uma das minorias silenciadas ao longo da História é a mulher negra.

Importante neste contexto estabelecer a relação entre feminismo negro e o lugar de fala nas mídias sociais. Analisando os discursos presentes em blogs, sites e mídias sociais que referenciam o feminismo negro. Identificando também, os discursos feministas negro dentro do espaço escolar.

Analisar as identidades e a forma que são construídas é um estudo necessário para combater tanto o racismo quanto o machismo. A problemática envolve diversas questões: Como o feminismo negro e as mídias sociais influenciam na construção das identidades das adolescentes? Como as identidades individuais se formam sob a influência dos discursos das mídias sociais? No intuito de analisar a relação entre a mídia social e a mulher negra e sua influência na vida das pessoas, a forma que contribui positivamente para o fortalecimento da identidade negra.

O lugar de fala da mulher negra fica cada vez mais evidenciado a partir de relatos de mulheres negras, de blogs, de textos escritos, que são voltados para cultura negra. Tendo isso em vista, a voz das mulheres negras também ecoam através das mídias sociais, visibilizando os silêncios suprimidos pela História. O feminismo negro tenta evidenciar primeiro o que é ser mulher, o espaço que a mulher negra ocupa na sociedade, que perpassa pelo ambiente escolar e quais os principais problemas enfrentados pelas mulheres negras.

## **SOBRE A FORMAÇÃO NEGRA DA IDENTIDADE NEGRA**

A identidade nacional há muito é discutida dentro da perspectiva da miscigenação o que ocasiona diversos embates epistemológicos. A construção de uma hegemonia nacional que condensa a cultura dentro de uma perspectiva de cultura única é uma perspectiva social falida. É possível sim, falar de diversas culturas que dialogam dentro da sociedade e este viés torna-se o mais aceitável, uma vez que a cultura brasileira carrega em si múltiplas composições culturais.

Entre séculos XIX e XX, as teorias racialistas e de miscigenação, em quase todos os contornos, delineia a formação cultural ainda em processo de formação, em que a seleção natural traria o branqueamento da sociedade. O mestiço, mulato e afins resultado das uniões multirraciais e estupros promovidos pelos senhores da casa grande, resultaram num sujeito ainda hoje em processo de estudo e entrave: o mestiço. O miscigenado, mulato, ainda assim é um entrave epistemológico, como destaca a literatura.

Conceituar a miscigenação, como revela Kabengele Munanga, em seu livro *Rediscutindo a Mestiçagem* (1999), é uma tentativa criminosa de suprimir as identidades de grupos sociais específicos da sociedade brasileira. Embora a cultura seja múltipla, diversa e dinâmica, ainda assim, as teorias de miscigenação trazem em seu discurso, a evidência de que há uma cultura dominante, e essa cultura deve, a grosso modo, sufocar, prevalecer e emudecer as outras culturas.

Outras culturas, nesse contexto, tem um alvo específico, que é a cultura negra. A grande questão aqui perpassa em como querer-se e aceitar-se negro, numa sociedade que a raça negra é rejeitada e deplorada. Esses embates dos campos ideológicos, saem de sua transcendência e são refletidas no cotidiano dos sujeitos sociais.

Dessa forma, estereótipos são formados, imaginados e legitimados nas ações cotidianas. Existem tipos específicos de pessoas que cometem crimes, que trabalham nas cozinhas, que foram feitas para os trabalhos subalternos. Assim também, como existem tipos

específicos de padrões e empresários. Ou melhor, existe cor específica para cada espaço social, em que transcender esses limites é praticamente impensável.

Por isso, para se pensar a construção da identidade negra é preciso analisar quem é o negro no Brasil. O Munanga, no artigo "*A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil*" (2004) aponta caminhos interessantes para se fazer tal análise. Tem-se que determinar que ser negro neste país é - antes de mais nada - uma decisão política. Embora perceba-se os diversos tons de pele negra, os indivíduos não se percebem nem admitem enquanto pertencentes a este grupo.

Com os estudos de genética, por meio da biologia molecular, mostrando que muitos brasileiros aparentemente brancos, trazem marcadores genéticos africanos, cada um pode se dizer um afro-descendente. Trata-se de uma decisão política. (MUNANGA, 2004 P. 52)

Por isso, definir quem é negro neste país é tarefa um tanto difícil, pois o processo de branqueamento movimentava as relações sociais e de poder. Para Munanga, "os conceitos de negro e de branco tem um fundamento étnico-semântico, político e ideológico, mas não é um conteúdo biológico". (MUNANGA, 2004, p 52)

Diferentemente do que ocorre em outros países, a saber, os Estados Unidos da América (EUA), em que o racismo escancarado, também pôde ser combatido por vias legais. O que não vem ocorrendo Brasil, um país miscigenado, que a união das raças promoveu a formação de um povo único – em teoria – em cultura única – em teoria – e em raça única – em teoria.

Não dá para detectar o racismo no Brasil em vias segregacionistas, pois assim não o é. No entanto, sua faceta não é menos dolorosa, em todos os espaços sociais os indivíduos negros e pardos sofrem com o racismo. O racismo é algo que transcende raça e sexo. Ele incide transversalmente passando por todos os campos sociais e escolhas pessoais.

## **DA COLONIALIDADE A ESTRUTURA DO RACISMO**

O conceito de colonialidade de Quijano cabe aqui, mesmo não sendo essa a sua finalidade. O autor denuncia a forma de pensar europeia que perpetua até hoje, deixando de lado a produção intelectual de pensadores latino americanos.

O pensamento cartesiano, que trouxe para o pensamento moderno o eu dual, trouxe também para a colonização esse eu. A Europa enquanto centro e exemplo de civilização transforma a África em povo exótico, e na América do Sul, promove a aniquilação da cultura. O eu, nesse sentido era o europeu, como destaca Quijano "A europeização cultural se

converteu em uma aspiração.” (QUIJANO, 1992, p. 04) A forma de pensar do homem nativo americano também a isso foi convertida, menosprezando sua própria cultura, transformando-a em uma oralidade menos letrada.

O conhecimento racional é resultado, como Descarte destaca, da relação sujeito/objeto. A cultura européia se denomina enquanto sujeito, transformando as outras culturas em objeto. No século XIX, a ideia organicista da sociedade, acaba também sendo uma ideia reducionista. O mundo entendido como um grande corpo coloca novamente a Europa para o centro do conhecimento, conferindo a ela o poder de ser “cabeça”, gestor da humanidade, quem pensa! Precisa-se romper com essa cosmovisão européia, descolonizar o pensamento ocidental, abrir espaço para os pensadores latino-americanos em especial, ouvir outras narrativas, outras histórias e epistemologias que desmitifiquem esse mundo europeizado.

O racismo nasce nesse contexto de domínio e poder. No contexto das Grandes Navegações que domina os povos não europeus. Transformando essas culturas africanas em objeto, seguindo a lógica Cartesiana. A construção da ideia de um homem universal, modelo, acaba por negar as outras identidades de outras culturas. O conceito de raça e inferioridade de raças é socialmente construído sob essas perspectivas.

O racismo faz parte da estrutura sob a qual o capitalismo foi construído. Faz parte da colonialidade. O colonialismo acaba, mas os resquícios e permanências continuam na construção das sociedades, do pensamento e em todas suas estruturas. E o racismo faz parte dessa ideia. Mas o racismo não é somente uma ideologia, ela se translitera nas práticas do dia-a-dia. Existe uma estrutura simbólica em torno da raça branca, quando o indivíduo nasce encontra essa estrutura e a reproduz. Como destaca Silvio de Almeida em seu livro “Racismo estrutural”, as identidades sociais são construídas através de estruturas prontas, o identificar-se enquanto negro caminha por isso. (ALMEIDA, 2019)

Se o negro tem uma imagem socialmente construída baseada no medo, na negação, é difícil alguém querer se identificar. O indivíduo não consegue se perceber enquanto negro, negando sua raça constantemente. Almeida, em seu livro, evidencia que o racismo faz parte de um componente “orgânico” da sociedade sob a qual o capitalismo foi construído, desta forma é reproduzido nas diversas esferas, não somente nas relações entre os indivíduos dentro da sociedade. O racismo é uma ideologia que esta ancorada em práticas concretas.

O privilégio do branco é mantido por herança colonial/imperial. O que sustenta a branquitude e reforça o racismo e sua estrutura é a própria colonialidade. Essa hegemonia branca é uma forma de dominação que se perpetua. Tornar-se negro é difícil, uma vez que a

identidade negra é construída sobre a imagem do que é negativo, do medo, por isso negar a identidade e a cor é atitude mais popularizada.

Neste sentido, se o indivíduo constantemente nega a sua identidade, as dicotomias entre as raças acabam por se tornar um instrumento de poder. Instrumento esse muito bem utilizado pelo poder público, em que até os espaços físicos da sociedade acabam também sendo racializados. Portanto, diversas ações dentro dessa estrutura do racismo são desencadeadas para que ela se mantenha, inclusive políticas públicas geridas pelo próprio Estado.

### **SOBRE O FEMINISMO NEGRO E O LUGAR DE FALA**

Não deixando o que se refere à construção da identidade de lado, mas incidindo sobre isso, o fator gênero, percebe-se uma parcela da sociedade que por hora tornou-se não só o que movimenta as relações sociais, a base da sociedade brasileira. A mulher negra sofre o que se denomina de interseccionalidade.

O movimento feminista negro no Brasil tem suas origens dentro do movimento negro unificado. Nas décadas de 70 e 80, o movimento feminista ganha força com as intelectuais negras, sobretudo na voz de Lélia Gonzales, que discute no movimento negro a pauta que interlaça raça, classe e gênero.

Com a criação de grupos feministas negros dentro do espaço do Movimento Negro Unificado (MNU), pode-se observar a luta das mulheres que não faziam parte das discussões inseridas no espaço das universidades. Era a partir das mulheres das comunidades que deveria se pensar as relações de classe, gênero e raça. A observação dentro do MNU da dissociação entre discurso e práticas, pois muitas vezes os homens negros do movimento não permitiam, fala, diretrizes e comando das mulheres negras dentro do movimento. Na práticas, os homens negros também se revelavam distantes dos discursos, pois muitas vezes preferiam as mulheres brancas para relações amorosas preterindo as mulheres negras, como destaca Ratts e Rios,

O comportamento na vida privada e íntima dos militantes às vezes contrariava os discursos libertários realizados em espaços públicos; intelectuais e lideranças de destaque, por exemplo, casaram-se com mulheres brancas. Ou seja, por mais que o movimento buscasse afirmar a estética negra, valorizando as relações interracialis, ainda permanecia o ideal estético do "branco belo". (RATTS, RIOS, 2015 p. 95).

Era necessário um coletivo específico para tratar as questões da vida das mulheres, as vivências e lutas, também associadas a própria solidão da mulher negra. Surge na década



de 80 a criação no Rio de Janeiro do Nzinga, Coletivo feminista que busca ser um grupo autônomo, mas que também inclui as pautas do Movimento Negro. Nesta década, a discussão que envolve raça, classe e gênero começam a se despontar no cenário nacional. Gonzales ainda denuncia que as mulheres são muito mais afetadas pelo racismo que pelas desigualdades de gênero, sofrendo assim duplamente com destaca Ratts e Rios (2015, p. 103), as mulheres brancas, apesar das bandeiras feministas, eram também opressoras, pois reproduziam essa opressão dentro do feminismo. O feminismo na vida da mulher ele acontece a partir de suas vivências, sendo que os enfrentamentos pessoais não se destoam das concepções feministas.

Levando isso em conta, há uma inseparabilidade entre raça, sexo e classe. O fator raça perpassa por todos esses campos como foi sinalizado. A mulher negra sofre por conta de sua cor, por conta de seu gênero e a depender dos casos – na maioria deles - por conta da classe social. Sendo que o racismo, não enxerga classe social. No vértice disso tudo está, portanto, a mulher negra.

O feminismo fracassa ao se direcionar as mulheres negras, pois reproduz em todas as suas falas o racismo. O feminismo consegue pensar na mulher que inserida na família nuclear luta por espaço social e lugar de fala nos seus respectivos trabalhos. Do outro lado, está a mulher negra que luta, antes de mais nada, para ser reconhecida enquanto mulher nos mais variados espaços. Ou seja, as lutas são diferentes. A mulher negra sempre se entendeu em espaços subalternos de trabalho. A luta não é por isonomia salarial. A luta é por reconhecimento como mulher, sendo este caminho bem maior que o outro.

À mulher negra não foi dada a escolha de não trabalhar. O feminismo negro surge para dar fala aos problemas que atingem a mulher negra, que muito embora se unam as outras em alguns aspectos, em outros são totalmente diferentes. As mulheres brancas temem em perder seus filhos para o machismo. As mulheres negras temem em perder seus filhos para a violência, para o tráfico, para o genocídio promovido pelo Estado, como sinaliza Carla Akotirene no livro “*o que é interseccionalidade?*”(2018) da coleção feminismos plurais.

O conceito de fala e lugar de fala está para além de dar voz às vivências individuais. Está aí presente também o discurso vivo de um determinado grupo que por vezes teve sua fala excluída da História. Assim pensando se olhar em volta a imprensa, as universidades, as mídias, novelas e até mesmo as produções científicas, sempre partem de um viés cis e heteronormativa branca. O homem branco e hétero produz um discurso hegemônico, que silencia as minorias. Para Djamila Ribeiro, em seu livro “*O que é lugar de fala?*”(2017) esses



espaços sociais de fala são suprimidos da vida da mulher negra, que sofre as opressões cruzadas (interseccionalidade).

Muito embora as mídias sociais sejam propícias a dar voz aos diversos discursos, ainda assim, produz por vezes, alguns discursos cheios de vazios conceituais. Os discursos produzidos pelas mídias sociais são refletidos nas vidas das pessoas, mas a grande questão que norteia esses discursos é “até que ponto o discurso é reflexo de uma vivência e como esse discurso altera a vida das pessoas?”.

Esse questionamento se torna pertinente no que se refere ao objeto desse trabalho. A influência que as mídias sociais alcançam na vida das adolescentes do colégio Bráulio Xavier produzem em suas peles e cabelo a imagem da resistência, mas o alcance conceitual disso carece de uma atenção mais específica.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa tem como norte de trabalho a análise bibliográfica, em que foram coletados textos que destacam a mulher negra e as mídias sociais. No segundo momento foram selecionadas meninas para participarem do projeto, obedecendo os interesses pessoais. Num terceiro momento será analisado alguns sites que destacam o lugar de fala da mulher negra ecoando sua voz, que perpassa desde a sites de notícias, moda, pesquisas entre outros. Faz-se necessário a aplicação de questionário orientado, buscando investigar o conceito de identidade negra que as alunas possuem e qual a influência das mídias sociais em tais questões. A análise de dados obtidos após tais levantamentos, faz enriquecedor a pesquisa e contribui para os resultados finais.

## **RESULTADOS PARCIAIS**

Foram selecionadas algumas alunas das turmas do primeiro ano e segundo ano do turno vespertino do Colégio Estadual Bráulio Xavier. As turmas assim foram escolhidas pois fazem parte de minha grade de trabalho. Foi explicado em sala o sentido do projeto, também foi evidenciado para as alunas dessas turmas a necessidade de falar de beleza negra, bem como de cuidados com cabelo e maquiagem. As que se interessaram foi aplicado um questionário que ainda será analisado os dados obtidos. Na primeira reunião com as meninas, fizemos uma discussão sobre os cuidados pessoais, com o cabelo principalmente. Ao final, com o consentimento de todas, fizemos fotos individuais e coletivas, para se assim for permitido, fazermos uma análise da influência desses diversos discursos.

Pretende-se contribuir tanto para comunidade escolar quanto para comunidade externa, oferecendo uma perspectiva feminista negra para o processo que envolve gênero, classe e raça. Mas pretende-se principalmente destacar ao lugar de fala da menina negra, as vivências e possíveis escrituras futuras.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo horizonte, MG. Letramento: justificando, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo. Editora Pólen, 2019.

DAVIS, Ângela. Mulheres, raça e classe. S.Paulo: Boitempo, 2016.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Estud. av. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Abr. 2004.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil - Identidade Nacional Versus Identidade Negra. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1999.

RIBEIRO, Djamilia. O que é lugar de fala? Belo horizonte, MG. Letramento: justificando, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade e Modernidade/Racionalidade. In: BONILLO, Heradio (comp) Los conquistados. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp 437- 449. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

RATTS, A., RIOS, F. Lélia Gonzales. São Paulo. Editora Selo Negro, 2015.